Carlos Gomes e a República

M. A. Azevedo (Nirez) (*)

Disse o musicólogo baiano Renato Almeida que "o romantismo, que florira nas letras com altos engenhos, não chegara à música até que Carlos Gomes o afirmou gloriosamente."

Antônio Carlos Gomes nasceu em berço pobre, na vila de São Carlos (atual Campinas), em São Paulo, no dia 11 de julho de 1836, tendo este ano completado 160 anos de seu nascimento, e faleceu na noite do dia 16 de setembro de 1896 em Belém, Pará, sendo este ano o de seu Centenário de morte.

Era filho de Manuel José Gomes (1792-1868), conhecido como Maneco Músico, que ensinava piano, órgão, violino e canto, e de D. Fabiana Maria Jaguari Cardoso, terceira e penúltima esposa de Maneco.

Precocemente Carlos Gomes revelou sua vocação musical e com apenas dez anos já integrava a Banda Marcial numa apresentação para D. Pedro II quando o Imperador esteve em visita a Campinas. Naquela época ele tocava triângulo. Carlos Gomes tinha em casa o carinhoso apelido de Nhô Tonico. Terminou as primeiras letras em 1847. Tocou triângulo, clarineta e o violino que aperfeiçoou em São Paulo com Paul Julien. Aos onze anos começou a estudar piano e a produzir suas primeiras peças.

Em 1848, em Itu, SP, deu seu primeiro concerto tocando piano e cantando modinhas. Sua primeira composição escrita foi uma missa feita em 1854. Em 1857 compôs *A Rainha das Flores*, valsa para piano; *Bela ninfa de minh'alma*, romance; e *A Caiumba*, congada. Dois anos depois passou a ensinar piano, canto e teoria, juntamente com Ernest Maneille.

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará. Jornalista.

Com seu irmão José Pedro de Santana Gomes foi morar em São Paulo numa república de estudantes e passaram a apresentar-se juntos no teatrinho do Pátio do Colégio. Àquela época as viagens eram feitas a cavalo. Homenageando seus amigos estudantes compôs em 1859 o *Hino Acadêmico*, com versos de Bittencourt Sampaio.

No segundo semestre de 1859 viajou para o Rio de Janeiro onde foi apresentado ao Imperador D. Pedro II pela condessa de Barral e este o recomendou ao diretor do Instituto Nacional de Música dirigido por Francisco Manuel da Silva, autor do Hino Nacional e que também era professor, que o matriculou no Conservatório de Música. Ali Carlos Gomes aprendeu contraponto com Gioacchino Giannini. Francisco Manuel da Silva entusiasmou-se com os progressos do novo aluno e encomendou-lhe uma cantata para ser executada na presença do Imperador. Foi nesta época que compôs *Fantasia sobre o romance, A Alta Noite e Laudamus et Gracia* (1859) e fez a modinha *Quem Sabe* (1860), homenagem ao seu primeiro amor, Ambrosina.

Carlos Gomes já tinha composto sua cantata quando foi acometido de febre amarela e teve que baixar o hospital, mas a 15 de março de 1860 teve alta e regeu sua *Cantata* na Academia Nacional de Belas Artes, ocasião em que recebeu medalha de ouro conferida por D. Pedro II. Mas ainda estava doente e voltou a Campinas para descansar. Depois de restabelecido voltou ao Rio de Janeiro quando compôs outra *Cantata* que foi executada na Igreja da Cruz dos Militares no dia 15 de agosto de 1860, o que lhe valeu sua nomeação no ano seguinte para ensaiador e regente de orquestra da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional.

Sua primeira ópera foi *A Noite no Castelo* (1861) sobre versos de Antônio Feliciano de Castilho e que teve regência de Francisco Manuel da Silva no Teatro Lírico Nacional. Foi agraciado por D. Pedro II com a Ordem da Rosa.

Em 1862 fez, para canto e orquestra, *Kirie*. Sua ópera *Joana de Flandres* foi apresentada no dia 15 de setembro de 1863 no Teatro Lírico Nacional com libreto de Salvador de Mendonça e com ela obteve uma pensão do governo imperial para estudar na Europa e em dezembro do mesmo ano partia para Milão, Itália,

passando a estudar com o maestro Lauro Rossi, diretor do conservatório, prestando exames finais três anos depois com sua composição *La Fanciulla delle Asturis*, obtendo seu diploma de maestro-compositor. Era vontade do Imperador que Gomes fosse para a Alemanha mas a influência da imperatriz d. Tereza Cristina o induziu a escolher a Itália para a lapidação do seu talento. Da mesma época é *Mormorto*. De 1867 é *Lalalayu* e de 1867-68 é *Se sa Minga e Nella luna* .

Em 1868 perde seu pai e no mesmo ano mudou-se para as margens do lago Maggiore onde terminou sua ópera *Il Guarany*, começada em 1865, baseada no romance do escritor cearense José de Alencar, "O Guarani". Ainda sem a protofonia, estreou no Scala, de Milão, no dia 19 de março de 1870 com libreto de Antônio Scalvini na parte inicial e terminado por Carlo d'Ormeville. Depois a ópera foi levada nas principais capitais européias. Pelo grande sucesso obtido o autor foi feito cavaleiro da Ordem da Coroa da Itália.

Consagrado em toda a Europa o compositor passou a fazer parte da plêiade de grandes compositores líricos internacionais. No mesmo ano voltou ao Rio de Janeiro sendo recebido como herói e fez a estréia de *Il Guarany* no dia 2 de dezembro de 1870 no Teatro Lírico Fluminense, desta feita já com a protofonia.

No início do ano seguinte voltou a Milão e casou-se com a pianista bolonhesa Adelina Peri e compôs a ópera *Fosca*, melodrama com libreto de Antônio Ghilarzoni, estreando em fevereiro de 1873 no Scala de Milão. A peça não agradou nem a crítica nem ao público mas a obra foi, mais tarde, considerada como sua mais importante composição.

Salvator Rosa estreou no Teatro Carlos Felice, de Gênova, no dia 21 de março de 1874. Em 1876 compôs o *Hino para grande orquestra e banda* e o *Hino comemorativo do primeiro centenário da independência americana; Maria Tudor* foi levada no Scala de Milão, com libreto extraído do drama de Victor Hugo, no dia 27 de março de 1879.

Voltou ao Brasil em 1880 sendo recebido triunfalmente. Apresentou-se na Bahia com *Il Guarany, Salvator Rosa* e o *Hino a Camões*; no Rio de Janeiro com *Il Guarany* e *Salvator Rosa*; e fez

sua estréia em São Paulo de *Il Guarany*, no Teatro São José. Em novembro voltou à Itália onde permaneceu por mais dois anos voltando ao Brasil em 1882 quando excursionou por várias capitais do norte do País.

Em 1884 fez o *Hino ao Ceará Livre*, homenagem a libertação dos escravos em nossa terra. Em 1885 fez o coro triunfal *Progresso*, dedicado ao povo campineiro. Em 1888 fez o *Hino à Sacra Bandeira Italiana.*

Em 1889, no dia 27 de outubro foi levada sua ópera *Lo Schiavo*, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, com patrocínio da princesa Isabel, a quem a obra era dedicada. Foi sua última grande aparição.

Chegou a República, que alijou da cena artística e política todos os elementos ligados ao Império. Carlos Gomes recusou a proposta do governo para escrever o Hino da República, a fim de não cometer uma ingratidão com D. Pedro II e isso naturalmente desagradou os meios republicanos. Carlos Gomes perdeu o apoio oficial e a esperança que trazia consigo de um dia ser diretor do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Decidiu retornar a Milão em 1890, onde estreou no ano seguinte no Scala com sua ópera *Condor (Odaléia)*, com libreto de Mário Canti. De 1893 é *Mamma dice.*

Existem muitas peças de sua autoria sem data, como as modinhas *As baianas, Conselhos* e *Suspiros d'alma*; as polcas *Nini, Piccola polca, polca dos biejos* e *Polca dos pardais*; as quadrilhas *Quilombo* e *Ramalhete de quadrilhas*; as valsas *Eva, Grande valsa de bravoure pou le piano forte* e *Moreninha.* E ainda: *À mocidade acadêmica, Addio, Al chiaro di luna, Analia ingrata, Angélica, L'Arcolaio, Aurora e tramonto, Bella tosa, Il Brigante, Cinco canções, Civettuola, Coro triunfal ao povo campineiro, Corsa d'amore, Cos'e l'amore?, Da ridere, Divorzio, Doce rimprovero, Io ti vide, Lisa, me vustu bien?, Lontana, La madamina, Marcha nupcial, Mestizia, Minha irmã, Mon bonheur, Natalizio, Noces d'argent, Noturno, Oblio, L'Oriolo, Per me solo, La Piccola mendicante, Povera bambola, La Preghiera dell'orfanato, Qui tollis, Realtà, Rondinella, Sempre teco, Spagnoletta, Spirito gentil, La Stella brasiliana, Storiella marinesca, Sul lago di Como, O telégrafo elétrico, Teus lindos olhos,* e *Tu m'ami.*

Doente e vivendo em dificuldades financeiras, compôs seu último trabalho para comemorar o quarto centenário do descobrimento da América, o oratório *Colombo*, poema vocal-sinfônico em quatro atos, para orquestra e coro, com letra do poeta Zanandini. Visitou os Estados Unidos da América em 1893 como membro da delegação brasileira à Exposição Universal Colombiana de Chicago. Em 1894 fez a sonata *Burrico de pau*, para quarteto ou quinteto de cordas. Em março de 1895 dirigiu *Il Guarany* no Teatro São Carlos, em Lisboa, Portugal, sendo condecorado com a Ordem de São Tiago da Espada pelo rei Carlos I.

Abandonado pelo governo republicano, doente, chega ao Pará, onde o governador Lauro Sodré criou, para auxiliá-lo, o Conservatório de Música de Belém, nomeando-o diretor, cargo em que tomou posse no dia 1.º de junho de 1896, ocupando-o por três meses apenas, até sua morte, ocorrida já dissemos no início, no dia 16 de setembro daquele ano. "Sua morte foi sua consagração. O governo e o povo se congregaram para testemunhar sua dor pelo desaparecimento do maior compositor brasileiro", são palavras também do musicólogo Renato Almeida.

Seu corpo foi transladado em navio de guerra por ordem do governo da República e hoje dorme em Campinas, sua terra natal.

No centenário de seu nascimento, o maestro Euclides Silva Novo e o poeta Pierre Luz, ambos vindos de outros estados e radicados em Fortaleza, fizeram o "*Hino a Carlos Gomes*", que foi impresso pela Imprensa Oficial para distribuição em todos os grupos escolares e colégios do Estado do Ceará. Os versos do hino dizem:

Carlos Gomes, o Ceará / vem te ofertar o coração / onde o teu vulto egrégio está / junto a Alencar, teu grande irmão.

Deslumbraste o mundo inteiro, / com o teu estro varonil! / O teu nome é o canto alviçareiro / das cascatas gigantes do Brasil! / Carlos Gomes vibramos por ti, / criador do imortal *Guarany*.

Pelas notas divinais / do *Guarany* vibrante, em flor, / canta o Brasil seus ancestrais / ditando ao mundo paz e amor.

Pelo *Escravo* toda luz / da inspiração dos sonhos teus / em cada nota nos conduz / à perfeição, aos pés de Deus.

Canta em *Fosca* a exaltação, / toda a paixão do humano ser! / *Salvador Rosa* é o teu brazão / onde *Condor* vai se acolher.

Deslumbraste o mundo inteiro, / com o teu astro varonil! / O teu nome é o canto alviçareiro / das cascatas gigantes do Brasil! / Carlos Gomes, vibramos por ti, / criador do imortal *Guarany*.